

Contribuição das intervenções acadêmicas sobre educação afetivo-sexual emancipatória para a formação de uma visão emancipatória da sexualidade de futuros docentes

CLAUDIA BONFIM*

Resumo: O presente estudo é qualitativo de caráter bibliográfico e com aporte de campo. Objetiva-se analisar a contribuição das intervenções acadêmicas sobre educação afetivo-sexual emancipatória para a formação docente. Buscou-se através de palestras e oficinas contribuir para uma vivência qualitativa, saudável e prazerosa da sexualidade pautada na ética, na humanização, livre de dogmas, preconceitos e tabus, fundamentando-se especialmente em Louro, Nunes e Silva e Bonfim entre outros autores que abordam a temática. Os resultados sugerem que, as palestras e oficinas pautadas numa educação afetivo sexual emancipatória contribuíram significativamente para o entendimento da importância do desenvolvimento da consciência corporal e de uma visão histórico-crítica da sexualidade, pois nos dados coletados na pesquisa, os futuros docentes declararam após as intervenções realizadas, perceberem a necessidade da compreensão sexualidade desde a infância e ressaltaram um enriquecimento em sua formação docente e humana através dos conhecimentos adquiridos e das técnicas vivenciadas.

Palavras-chave: Educação Afetivo-Sexual; Consciência Corporal; Formação Docente.

Abstract: This is a qualitative study of bibliographical character and contribution to the field. The objective is to analyze the contribution of academic interventions emancipatory sexual-affective education for teacher training. We sought through lectures and workshops contribute to a qualitative, healthy and pleasurable sexual experience based on ethics, humanization, free from dogmas, prejudices and taboos, especially in building upon Louro, Nunes and Silva Bonfim and among others authors address the topic. The results suggest that the lectures and workshops on a guided affective sexual education emancipatory contributed significantly to the understanding of the importance of the development of body awareness and a critical historical view of sexuality, because the data collected in the survey, future teachers declared after interventions, appreciate the necessity of understanding sexuality since childhood and emphasized enrichment of their teaching and human formation through acquired knowledge and experienced technical .

Key words: Affective- Sexual Education; Body Awareness; Teacher Training.



* **CLAUDIA BONFIM** é Doutora em Educação na área de História, Filosofia e Educação – UNICAMP, Pós-Doutoranda em Educação – HISTEDBrFE-UNICAMP, Pesquisadora Colaboradora do Grupo PAIDEIA – FE – UNICAMP, Docente da Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade, Tutora do GEPES – PET-MEC – FDB. Agência Financiadora deste estudo: PET- MEC.

1. Introdução

O objetivo central desta pesquisa foi analisar a contribuição das intervenções acadêmicas sobre a educação afetivo-sexual emancipatória e das vivências corporais na ampliação da percepção corporal e da formação da consciência corporal de futuros docentes, proporcionando-lhes uma melhor compreensão da sexualidade humana, através de palestras e oficinas, buscando conscientizá-los da importância da consciência corporal, pois, acredita-se que o futuro educador deve se conhecer primeiro para que possa desenvolver a sensibilidade e o respeito para com o desenvolvimento e as necessidades do seu aluno. Acreditamos que, quando o educador vivencia suas limitações e visualiza suas potencialidades, pode transmitir maior segurança e confiança nas orientações aos seus alunos, e assim ajudá-lo a superar suas próprias dificuldades.

Para formularmos a questão norteadora deste estudo consideramos conforme Bonfim (2009), que a maioria dos Cursos de Formação de Professores ainda não trazem disciplinas inseridas na grade curricular que tratem da sexualidade como uma construção sócio-histórica-cultural. O que deixa uma lacuna no preparo docente para abordar a temática da sexualidade no ambiente escolar e para que possam desenvolver uma educação afetivo-sexual emancipatória. Diante desta constatação, surge o questionamento central deste estudo: “as intervenções acadêmicas nos cursos de formação de professores podem ser uma alternativa para amenizar esta problemática? Estas intervenções podem efetivamente contribuir para que os futuros docentes possam ampliar sua visão da sexualidade e compreender a

importância da educação afetivo-sexual emancipatória?”

Na busca de compreendermos essa questão, realizamos nos enveredamos nos estudos de Sérgio, Nunes, Silva, Medina entre outros autores que tratam deste tema. Importante ressaltarmos, que as palestras e a oficina ministradas aos alunos de Cursos de Pedagogia e Licenciatura em Educação Física, pautaram-se no conhecimento científico. As vivências corporais se deram como complementação para buscar uma nova visão integral do ser humano e da sexualidade, superando a visão reducionista, genitalista, quantitativa e mercantilista da sexualidade na sociedade capitalista.

Defendemos que o conhecimento de si, do próprio corpo, constitui-se em um aprendizado tão importante a aquisição da leitura e da escrita. É através do conhecimento de si, da superação de nossas limitações e da busca pelo entendimento de nossas necessidades e subjetividades que podemos compreender ampliar nossas possibilidades e potencialidades para uma vivência qualitativa das relações afetivas e sexuais, consigo mesmo e com o outro. É na unidade do nosso corpo que estabelecemos as significações da vida. Como aponta Merleau Ponty (1996) apud Campanholi (2008, p.21):

[...] o ser humano não é um conjunto de partes funcionais que estão ligadas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidades, todas elas estão implicadas em um drama único da existência. Portanto o corpo não é um objeto, e a consciência que temos dele não é um pensamento, sua unidade é implícita e concreta [...].

Por isso, nossa defesa de que a educação escolar supere a dualidade de corpo e mente (racional X subjetivo), e transcenda abordagem sobre sexualidade pautada meramente nas noções biológicas (anatômicas, higienistas e preventivas) e nos aspectos negativos como DST's, AIDS e gravidez não planejada. Os conhecimentos biológicos são necessários, mas insuficientes por si só, para a compreensão da totalidade da sexualidade, sendo necessário a compreensão epistêmica da sua historicidade. Pois, como aponta Foucault (1979, p.22) o corpo é a *"[...] superfície de inscrição dos acontecimentos [...] lugar de dissolução do Eu [...] volume em perpétua pulverização. A genealogia [...] está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo."*

Sendo assim, a Educação Sexual escolar, precisa, além da vertente corporal e de saúde preventiva e reprodutiva, contribuir para a formação de valores éticos e estéticos para a vivência qualitativa da sexualidade. Afinal consideramos como Bonfim (2012, P.28) que:

A sexualidade é uma dimensão humana que envolve os aspectos físicos, sociais e psicológicos, além de nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossa religião, nossas relações afetivas, enfim, nossa cultura.

Precisamos compreender que, ao falarmos do corpo, falamos do ser em sua totalidade, com todas as suas angústias, dificuldades, vivências, carências, potencialidades. Um corpo é um ser histórico que carrega em si dores, prazeres, saberes, mudanças,

perspectivas, sonhos afetos, transformações, inquietações, desejos, valores, ideais, ideias e, mais do que tudo, infinitos conflitos entre uma moral social, familiar, religiosa, política e a busca por uma ética e uma estética que lhe permita se conhecer, se entender e se construir, para só então pode compreender outros corpos e outros mundos. Pensar a sexualidade é pensar o corpo, é pensar que a vida se dá através e pelo corpo, seja biologicamente, socialmente, seja nas relações, movimentos, aprendizados. É pensar sua corporeidade. Sérgio (1994, p.24) conclui que:

"[...] as grandes dimensões da pessoa humana parecem basear-se: na corporeidade (o Homem é presença e espaço na História, com o corpo, desde o corpo e através do corpo); na motricidade (que é virtualidade para o movimento intencional, que persegue a transcendência); na comunicação e cooperação (o sentido do outro nasce da sua indispensabilidade ao meu estar-no-mundo); na historicidade (a historicidade do homem consiste no fato de ele não poder conhecer-se, com uma análise exclusiva do presente, pois que vem de um passado-recordação, onde se projeta); na liberdade (passar do reino da necessidade ao reino da liberdade é a expressão omnilateral de um sujeito histórico, simultaneamente reflexo e projeto) na noosfera (ou no reino do espírito e da cultura, onde a especialização dos vários saberes readquire o sentido da totalidade humana); na transcendência (ser humanamente é agir para ser mais) [...]"

Bonfim (2010) também afirma que a sexualidade por ser parte intrínseca do ser humano envolve não apenas o físico e as questões instintivas (ato sexual, desejo,) mas nossa subjetividade e nossa percepção corporal e sexual esta vai se

constituindo à partir da nossa história, das relações humanas, e a forma como fomos educados sexualmente é um fator marcante na formação de nossa personalidade. Nessa integralidade é que a corporeidade é desenvolvida, como esclarece João e Brito (2004, p.33) a corporeidade:

[...] constitui-se das dimensões: Física (estrutura orgânica-biofísicamotora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-pulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, ideia, consciência) e a sócio-histórico-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismo). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade.

Ou seja, nosso corpo traz em si marcas não apenas biológicas, como também incorpora as significações sociais. Silva (1998, p.124) ressalta que, “*a sexualidade é vivenciada através do corpo, que é o espaço sensível do ser humano. À medida que se tem uma boa relação com o corpo, tem-se grandes possibilidades de vivências significativas e plenas da sexualidade.*” Partindo desta concepção, compreendemos que o corpo que é constructo histórico-social, pois está inserido na cultura, nos valores e nos interesses vigentes em cada modelo de sociedade. Ora reprimido, outrora exacerbado, controlado, disciplinado, “moldado”. Nesse sentido, Sérgio (2003, p. 27), quando afirma que, o corpo:

[...] não é só exterioridade, nem é só biologia. O pensador de Rodin, por exemplo, revela que a interioridade ressalta da exterioridade corpórea. O corpo é simultaneamente exterioridade e interioridade. Ele é sede da vida.

Mas, atenção! sem a vida, nas suas múltiplas manifestações incluindo as psíquicas, o corpo não é humano. É a matéria complexa e organizada que permite o espírito; é a linguagem, a cultura, a motricidade que o desenvolvem – mas, sem o espírito, o corpo perde o seu estatuto ontológico de ser humano. A unidade, ao nível do ser, não esconde a unidade na complexidade. Não há, na mulher e no homem, uma simples união alma-corpo há, sim, uma unidade de ser, síntese de uma complexidade inimitável. E é do corpo que essa complexidade ressalta.

Acreditamos que escola através de intervenções emancipatórias possa oferecer contribuições positivas que favoreçam sua emancipação, libertando-se das amarras, preconceitos e dogmas repressivos. Cabe esclarecemos, que a educação sexual nesta perspectiva emancipatória:

Não se trata de um mero rótulo, mas sim de uma utopia ético-política e de uma intervenção institucional significativa na escola. A emancipação pode ser entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora. Trata-se da qualificação ontológica da sexualidade humana e sua construção ético-social. (NUNES E SILVA, 2000, p. 17)

A percepção senso comum acredita que os adolescentes e jovens entendam de sexo e sexualidade, mas partir dos relatos em novas intervenções sociais e escolares, podemos afirmar, que eles podem até entender da parte operacional do sexo em si (posições sexuais, como

usar o preservativo), mas não têm consciência da importância e da dimensão da sexualidade, nem sabem lidar com os sentimentos decorrentes da vida sexual, falta que eles desenvolvam um ética e uma estética sobre a vivência responsável corporal e afetiva da sexualidade. Retomando Nunes e Silva (2000, p.17):

[...] é necessário compreender que a educação sexual não se resume a um conjunto de informações médicos-biologistas, nem terapêutico-descompressivas. A educação sexual é formar a pessoa inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado.

Sobre a educação sexual numa perspectiva emancipatória decorre de Nunes (2003, p. 35) o autor assim esclarece:

Chamamos emancipatória a perspectiva que visa produzir autonomia crítica, cultural e simbólica, esclarecimento científico, libertação de toda forma de alienação e erro, de toda submissão, engodo, falácia ou pensamento colonizado, incapaz de esclarecer os processos materiais, culturais e políticos. Ao mesmo tempo em que liberta, aponta a emancipação significa também a prática da autonomia ética, o ideal e o propósito de constituir valores que justifiquem nossas condutas morais, indica ainda a responsabilidade social pelas escolhas e opções que fazemos, até constituir-se num ideal de elevação estética. De cultivo de ideais justos e carregados de generosa identificação com o que é bom, belo, adequado, o ideal de realização estética para todos. Por fim, emancipação significa coerência, autonomia, convicção e

libertação política, a constituir-se em grupos e comunidades de pessoas esclarecidas pela ciência e motivadas pelos ideais e virtudes coletivas.

A visão ainda é reducionista e genitalista, fruto da visão mercantilista que reduz o corpo a um objeto de prazer, desumanizando das relações afetivo-sexuais.

2. Materiais e métodos

A pesquisa é de abordagem qualitativa, caracterizando-se como experimental-bibliográfica, com aporte de campo. O universo de pesquisa envolveu 40 acadêmicos dos Cursos de Graduação Pedagogia e Licenciatura em Educação Física, com idades entre 18 e 32 anos, de uma Instituição Pública e uma Particular. Como instrumento de coleta de dados, além da observação, utilizou-se questionário dissertativo, com a finalidade de verificar se conseguirmos provocar a reflexão sobre a importância da Consciência Corporal e da Educação Afetivo-Sexual para a vivência de sexualidade e para a formação docente. Buscando avaliar o comportamento de cada participante na palestra e na oficina de vivência corporal, onde além do questionário para nossa análise, utilizamos a técnica da observação, especialmente nas atividades em que havia necessidade do contato corporal com o outro e do reconhecimento do seu próprio corpo, ora através do toque, ora simbolicamente, através de desenhos.

Para análise dos dados coletados, utilizamos o Método de Bardin, a partir da leitura dos questionários, foram estabelecidas algumas categorias principais: percepção corporal antes e após as vivências corporais; dificuldade na execução das atividades de vivências

corporais na oficina; relatos sobre consciência corporal ao término das palestras e das oficinas; sobre a visão de sexo e sexualidade após a palestra e a oficina; expectativas iniciais e finais quanto à participação na palestra e na oficina de vivências corporais. A partir da leitura dos questionários, foram estabelecidas algumas categorias principais que nos permitiram analisar os dados.

Bardin (1988, p.119), afirma que a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidas, por reagrupamento segundo o gênero (analogia). Neste sentido, a análise de conteúdo categorial só é alcançada por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo agrupamentos analógicos, e caracterizando-se através de processo estruturalista de classificação dos elementos, investigando o que cada um deles tem em comum. A autora ainda aponta que, a categorização objetiva inicialmente fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos, e que, as relações entre as categorias, e de suas interpretações, é que possibilita o desenvolvimento de explicações e afirmativas (proposições). E conclui:

A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios, por excesso ou por falta, no material, mas que revela índices invisíveis, ao nível dos dados brutos.

Categoria 1: Percepção corporal antes e após as vivências corporais

Constatou-se em relação à percepção corporal antes das vivências, nas palestras e nas oficinas, que alguns acadêmicos descreveram-se tensos e envergonhados. E que a maior dificuldade que tiveram foi em relação ao próprio corpo e ao ter que tocar o corpo do outro. O toque, quando intencional ainda é visto com muita resistência. Considerando Alexander (1991) partimos da hipótese que os acadêmicos oriundos do Curso de Licenciatura em Educação Física, por realizarem estudos relativos ao corpo e praticarem atividade física, tivessem uma imagem corporal mais desenvolvida do que os acadêmicos de Pedagogia. O que não se confirmou.

Quando questionados se: “As palestras e a oficina contribuíram para ampliar a sua percepção corporal e os levaram a refletirem sobre a importância da Consciência Corporal e de uma vivência qualitativa, prazerosa e humana da sexualidade, livre de dogmas, tabus e preconceito”. A maioria dos participantes declararam, que após as atividades desenvolvidas compreenderam melhor a importância do autoconhecimento corporal e do desenvolvimento consciência corporal de si e do outro, de maneira natural.

Sobre a questão: “Você acredita que o conhecimento adquirido no Ciclo de Palestras e na Oficina facilitará sua abordagem junto aos seus futuros alunos? E na vivência da sua sexualidade?” A maior parte dos estudantes declararam que eventos desta natureza são importantíssimos para que eles possam entender melhor o universo da sexualidade e compreender a sexualidade e sua função na vida, assim como para prepará-los para abordar o tema com seus alunos.

Categoria 2: Dificuldade na execução das atividades na oficina

Ao responder a questão: “Em qual atividade da oficina você sentiu mais dificuldade na execução? E por quê?” A maior parte do grupo não demonstrou dificuldade na execução da maioria das atividades da oficina. Porém, nos momentos que as atividades desenvolvidas tinham como objetivo confiar no outro, observou-se que a maioria dos participantes encontraram dificuldades. E a finalidade era exatamente mostrar e constatar a dificuldade que as pessoas tem de se entregarem na relação com outro ou de se deixarem conduzir.

O objetivo nesta atividade foi vivenciar o corpo do outro, sentir de maneira natural, apontando a importância da auto massagem como técnica de autoconhecimento corporal e de conhecer o corpo do outro, reconhecendo mutuamente às áreas do corpo que lhe dão mais relaxamento e prazer pelo toque. Conscientizando-os que, desenvolvendo a consciência corporal, podemos humanizar as relações afetivas e sexuais, ampliar as zonas erógenas, facilitar o relaxamento e a excitação, bem como adquirir maior controle corporal. Considerando Platts (1997), através de práticas onde as pessoas necessitam confiar na outra acabam por revelar como uma pessoa se sente ao ter que ter confiança em alguém que teve que deixar ficar no controle.

Quando solicitamos para que os participantes desenharem o próprio corpo nu e socializassem o desenho com os colegas, alguns participantes declararam sentir dificuldade e uma das participantes inicialmente se negou a socializar o desenho. O que nos levou a pensar: como um docente irá trabalhar a corporeidade com seus alunos se um

simples desenho do seu corpo num pedaço de papel lhe deixa envergonhado?

Na atividade, onde um participante deitava-se de olhos fechados e era massageado no corpo (com restrição de não poder tocar nas genitálias e seios) percebemos sentimentos de vergonha por parte de alguns e um dos participantes declarou certa resistência inicial ao toque do outro. No decorrer das vivências corporais, observou-se que os participantes foram se soltando.

Categoria 3: Relatos sobre Consciência Corporal ao término das Palestras e das Oficinas

Ao final do evento os participantes relataram oralmente, bem como, através das respostas escritas, entenderem melhor a importância do conhecimento do seu corpo e da consciência corporal para seu desenvolvimento humano e uma vivência qualitativa da sexualidade.

Categoria 4: Sobre a visão de sexo e sexualidade após a Palestra e a Oficina

Os participantes declararam que antes da participação no evento, entendiam pouco sobre a sexualidade, apontaram a complexidade do tema, e que após o evento, passaram a ter outra visão do que é sexualidade e a importância da educação afetivo-sexual.

Categoria 5: Expectativas iniciais e finais quanto à participação na palestra e na oficina

Sobre a questão: “Quais as expectativas e motivações que o levaram a participar do ciclo de palestras e da oficina?” A maioria dos estudantes apontaram que a

motivação inicial foi a curiosidade de conhecer mais sobre o assunto e obter um embasamento para sua formação.

Quando questionados: “A palestra e a oficina alcançaram ou ultrapassaram suas expectativas iniciais em relação à proposta? Você avaliaria a Palestra e a Oficina como significativa para uma possível modificação na percepção corporal e da visão do que é sexualidade?” Todos os participantes referiram que as suas expectativas iniciais foram alcançadas e em sua maioria, superadas.

Na pergunta: “Você acredita que o conhecimento adquirido na Palestra e na Oficina facilitará sua abordagem junto aos seus alunos? E na vivência da sua sexualidade?” De modo geral os participantes apontaram ambas as respostas de maneira positiva e significativa.

Quando solicitamos que os participantes apontassem quais os principais aprendizados adquiridos na palestra e na oficina, a maioria apontou especialmente: a importância da afetividade na sexualidade e nos relacionamentos, responsabilidade, a necessidade saber responder de forma adequada as perguntas dos alunos, conhecer mais sobre o próprio corpo, conceitos de sexualidade, sexo, preconceitos de gênero; sobre as diferentes formas de abordar a sexualidade na escola, a encarar a sexualidade maneira natural e bonita.

Ao serem questionadas oralmente, se as acadêmicas presentes conheciam seu corpo e já haviam em algum momento visualizado sua própria vagina em um espelho, nenhuma delas manifestou-se positivamente. O que nos leva a pressupor que em pleno século XXI, as mulheres frutos de uma educação patriarcal, opressora, machista,

falsamente moralista, ainda carrega os tabus, dogmas e preconceitos historicamente condicionados e não se permitem sequer reconhecer seu corpo em sua totalidade.

3. A importância das intervenções acadêmicas sobre educação afetivo-sexual emancipatória

Por entendermos a sexualidade, como desenvolvimento e relacionamento humano, como experiência subjetiva e afetiva e não apenas física, nem reduzida ao sexo, e que o educador se relaciona com seres humanos; pessoas que são uma inteireza, corpo e a mente; buscamos mostrar o quão fundamental é, que os futuros docentes tenham espaço em sua formação para se conhecer e interagir com o outro, tornando-o mais capacitado para compreender, reconhecer, respeitar e orientar o desenvolvimento da sexualidade do aluno, bem como, suas manifestações e necessidades corporais, biológicas e psicológicas.

Diante das premissas já apresentadas, como a escola pode contribuir para melhorar a consciência corporal e o desenvolvimento da sexualidade? E por que os docentes sentem tanta dificuldade em trabalhar a educação afetiva-sexual emancipatória na escola? Retomamos Bonfim (2009), quando afirmamos que os cursos de formação docente não têm oferecido um espaço privilegiado para a aquisição de conhecimentos científicos que abordem a sexualidade em todas as suas dimensões e, ressalta, a necessidade de que os cursos de formação docente introduzam em sua matriz curricular disciplinas que abordem a sexualidade em todas os seus aspectos: biológicos, históricos, políticos, psicológicos, culturais e sociais que ofereçam um

embasamento teórico e crítico da sexualidade humana, apontando a importância da formação da consciência corporal, para o docente possa abordar a educação afetivo-sexual emancipatória, possibilitando uma visão do ser humano na sua totalidade, respeitando sua subjetividade, ou seja, suas emoções, sentimentos, sentidos, necessidades e manifestações, como parte integrante e integrada do processo ensino-aprendizagem.

As afirmações de Bonfim (2009) reforçam a necessidade de intervenções acadêmicas especialmente nos cursos de formação docente, Licenciaturas e Pedagogia, para de alguma forma promover um espaço de debate sobre a importância da educação afetivo-sexual no espaço escolar, bem como, ampliar o conhecimento dos futuros docentes sobre a compreensão da sexualidade e sobre as formas de abordagem nas diferentes fases.

Pautando-nos em Alexander (1991), podemos afirmar que, esta formação não deve ser obtida apenas através de leituras e reflexões teóricas individuais, como também através de atividades de vivências corporais em grupo, permitindo um contato próximo com o outro visando aprofundar a compreensão de diferentes personalidades, bem como, oportunizar o desenvolvimento de uma das qualidades fundamentais que, consideramos fundamentais em todos os educadores, a sensibilidade, pois o educador deve ter um olhar sensível capaz de perceber, observar e compreender a expressão corporal e as mudanças de comportamento de seus alunos.

Consideramos necessário analisar criticamente, a percepção que permeia o conceito de corpo na sociedade atual, abordando desde o conceito

padronizado de beleza (mito de corpo perfeito), corpo como objeto (coisificado), corpo como mão-de-obra explorada (visão capitalista), o corpo como produto (visão mercantil – prostituído) e a dificuldade de reconhecimento do próprio corpo (corpo sexual controlado, reprimido), fruto de uma visão social reducionista da sexualidade, sendo um dos fatores que levam à vivência reducionista da sexualidade, focando-a nas genitálias (no ato sexual), deixando de reconhecer, compreender, explorar e vivenciar a totalidade do ser (corpo e mente) em sua totalidade e potencialidade. Como MEDINA (1983), também consideramos que:

[...] nós não temos um corpo; antes, nós somos o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através das manifestações do seu pensamento, do seu sentimento e o seu movimento.

Afirmamos que, para orientar adequadamente, assim como, compreender, respeitar e engendrar a formação da consciência corporal do outro, necessitamos antes, ter um conhecimento do nosso próprio corpo, física e emocionalmente (psique). O que mostra o quão necessário é, que na formação docente se oportunize de alguma forma a construção de uma visão integral do ser humano, superando a visão fragmentária do corpo em partes estanques, por uma visão que considere a pessoa em sua totalidade: corpo, sentimento, cultura, vivências sociais e ambientais, entre outros aspectos. É importante ainda, ressaltarmos que, como Nunes (2004, p.15):

A filosofia do corpo que defendemos é a de uma

corporeidade essencialmente humanizada, consciente de si e de seus potenciais meios de produzir coisas reais e sensíveis num mundo tangível, feito para todos os homens. Os corpos dos homens livres, libertos de toda forma de expropriação e reconhecedores do que podem produzir e socializar entre seus pares e Semelhantes as mais criativas e originais formas de expressão.

De maneira geral a escola ainda nega a sexualidade da criança, não reconhecendo a importância do desenvolvimento da sua corporeidade e portanto, deixa-se de contribuir para o desenvolvimento de sua integralidade. Nesse sentido, Nunes e Silva (2000, p.52) apontam:

Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real do seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque afinal, não existe uma separação entre sexualidade infantil e sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e conseqüentes.

Acreditamos que, o ambiente escolar precisa superar esse contexto de tradição racionalista, e desenvolver uma educação integral onde a educação intelectual não seja desenvolvida separadamente de uma educação corporal. Consideramos como Louro (1999, p.21), que a criança no ambiente escolar é impedida de expressar-se na sua totalidade seja criativamente, verbalmente ou gestualmente, surgindo o que Louro chama de “corpo escolarizado” ou “corpo disciplinado pela escola”. A educação afetivo-sexual emancipatória que queremos pauta-se numa abordagem que entenda a sexualidade como parte integrante da vida. Negrine (1998), afirma que a

aprendizagem e experiência de vida se dão através do corpo. Os movimentos corporais expressam as sensações, pensamentos e sentimentos nos possibilitando-nos, muitas vezes, compreender a maneira de sentir e agir das pessoas.

Entendendo a sexualidade, como a integralidade de uma pessoa, englobando todas as nossas manifestações e interações biológicas, psicológicas, sociais, subjetivas e relacionais, podemos como Santin (1987, p.50) afirmar que: “[...] o homem, em todas as suas funções e vivências, precisa ser corpo, o que é bem diferente de dizer que precisa do corpo. Isto porque a humanidade do homem se confunde com a corporeidade.” Ressaltamos a necessidade da formação docente fornecer os subsídios teóricos e práticos para que o futuro docente possa, na sua práxis através de intervenções qualitativas contribuir para que as pessoas possam conhecer, reconhecer seu corpo e desenvolver sua corporeidade para uma vivência significativa, responsável e gratificante da sua sexualidade.

Defendemos que os cursos de formação docente, a Pedagogia e as Licenciaturas de maneira geral, mas em especial a Pedagogia e Educação Física, se constituem como espaços privilegiados para trabalhar o desenvolvimento e as manifestações da sexualidade. Sendo neste espaço, onde se estabelecem as relações, a interações e o desenvolvimento humano. Faz necessário ressaltar, que a família deveria ser e é, a instituição responsável pela formação de valores éticos e estéticos para a vivência qualitativa da sexualidade, mas sendo fruto de uma educação repressiva, nem sempre os pais estão aptos a educar de maneira

emancipatória. Por isso lutamos para que a escola que em nossa visão, se constitui como é um dos ambientes mais adequados para a formação de valores para uma vivência gratificante e ética da sexualidade, incorpore em sua práxis ações capazes levar os alunos a romperem esse círculo vicioso da cultura, com essa visão reducionista da sexualidade e fragmentação do corpo.

4. Resultados e considerações finais

Através dos dados coletados e relatos durante as palestras e oficinas, bem como da observação sensível da pesquisadora foi possível verificar, que conseguimos despertar nos(as) acadêmicos(as) a pensarem sobre necessidade da compreensão e a promoção do desenvolvimento da consciência corporal no ambiente escolar, assim como, e da importância de que dentro a formação docente se crie espaços que possibilitem a aprendizagem para abordar a educação afetivo-sexual na perspectiva emancipatória na escola e consequentemente para a vivência qualitativa de sua própria sexualidade, pois não é possível educarmos sexualmente se não estivermos bem com nossa própria sexualidade.

O estudo nos leva afirmar a importância das intervenções sobre educação afetivo-sexual emancipatória, como forma de propiciar a compreensão da sexualidade de maneira natural, saudável, ética e prazerosa. E, esse entendimento, se dá através de uma visão do aluno em sua totalidade, de uma educação integral (Paideia) numa abordagem somática. Pautados nesse estudo, e em estudos anteriores que desenvolvemos, podemos concluir, que a educação sexual ainda traz profundas raízes da educação patriarcal e mesmo

após inúmeros estudos realizados, intervenções, lutas e conquistas, a vivência sexualidade precisa ser amplamente socializada, debatida, dialogada, para que possamos quebrar os tabus, dogmas e preconceitos socialmente construídos e ainda existentes.

Se dentro do universo acadêmico, em cursos de formação docente, onde se pressupõe que, as pessoas sejam mais esclarecidas em relação à vivência da sexualidade, foi possível constatar os vestígios da educação sexual repressiva, de uma visão reducionista do corpo e da sexualidade; o desafio e a inquietação que sentimos é ainda maior, ao pensarmos na compreensão do desenvolvimento da sexualidade de grande parte da população, que além das influências sócio-histórica-culturais, vivem uma sexualidade extremista, ora reprimida, ora exacerbada. Por decorrência também, da sexualidade mercantil, instintiva e quantitativa disseminada pela mídia. O que nos convoca e aumenta nossa responsabilidade em continuar nossos estudos e socializar nosso conhecimento sobre a sexualidade humana, buscando esticar horizontes e formar consciências críticas, éticas e emancipatórias. Diante de constatações como estas, é emergencial que os cursos de formação docente, bem como, a escola incorporem projetos sobre a educação afetivo-sexual emancipatória, buscando construir uma educação afetiva sexual emancipatória pautada na investigação de base não apenas biológica, mas histórica, filosófica e política.

Ressaltamos que, não estamos excluindo a importância da compreensão biológica da sexualidade em contraposição às ciências sociais e humanas, mas apontando a necessidade de ampliarmos esse olhar, para levar à

uma compreensão da amplitude e complexidade envolvidas na construção da sexualidade humana. Como já apontamos em estudos anteriores, necessitamos de projetos com profissionais e abordagens diversificadas, buscando a superação da repressão, dos preconceitos e das resistências e impasses que permeiam o campo da sexualidade humana e o desenvolvimento de uma corporeidade que nos permita reconhecer nosso corpo como a plenitude das significações da vida, e que é através da unidade do corpo que podemos ampliar a qualidade das relações afetivas e sexuais que estabelecemos conosco mesmo, com o outro e com o mundo.

Referências

- ALEXANDER, G. **Eutonia**: um caminho para a percepção corporal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1998.
- CAMPANHOLI, C. A. O. **A unidualidade humana para o ensino da Educação Física**: uma proposta de concepção não linear de corpo sob o paradigma da complexidade. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- BONFIM, C. R. de S. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas**: contradições, limites e possibilidades. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: Unicamp, 2009.
- _____. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- JOÃO, R. B.; BRITO, M. de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo.
- Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 263-72, jul./set. 2004.
- LOURO, G. L.. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuida do Corpo... e “Mente”**. Campinas: Papirus, 1983.
- NEGRINE, A. **Terapias corporais na formação pessoal do adulto**. Porto Alegre: Edita, 1998.
- NUNES, C. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.
- _____. **Educar para a emancipação**. Florianópolis, SC: Sophos, 2003.
- _____. **Dialética da Sexualidade e Educação Sexual no Brasil**. Disponível na internet in: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linha/article/viewFile/1329/1138> Acesso: 19 set. 2012.
- NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.
- PLATTS, D. E. **Autodescoberta divertida**: uma abordagem da fundação Findhorn para desenvolver a confiança nos grupos, São Paulo: Triom, 1997.
- SANTIN, S. **Educação Física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí, RS: Livraria UNIJUÍ Editora, 1987. 125p.
- SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade).
- SILVA, E. A escola, a clínica e a sexualidade humana. **Perspectiva**. Florianópolis, v.16, n.30, p.115-142, jul./dez. 1998. Disponível na internet em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10558/10146>

Recebido em 2014-03-06
Publicado em 2014-03-16